



Frederico Mistral

(Genial poeta catholico da Provença e inspirado auctor do poema *Mireya*)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

| | |
|---|--------|
| Portugal e colonias (1 anno) . . . | 2\$400 |
| » » (6 mezes) . . . | 1\$200 |
| » » (3 mezes) . . . | 600 |
| A' cobrança feita pelo correio e pelo co- brador, accresce o importe das despesas. | |
| Estrangeiro (1 anno) | 3\$000 |
| » (6 mezes) | 1\$500 |
| Numero avulso | 60 |

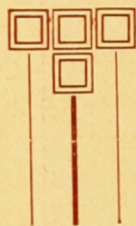
Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

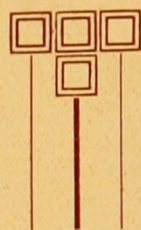
Pensão annual — 120\$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL



Estabelecimento
modelar,
optima installação,
clima maritimo
saluberrimo



Lecciona
instrução primaria,
curso geral
dos Lyceus e curso
commercial



Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.^e Manoel R. Pontes.*

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, aparelhos,
produçtos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposiçào
dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio.

Mandam-se catalogos gratuitamente
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

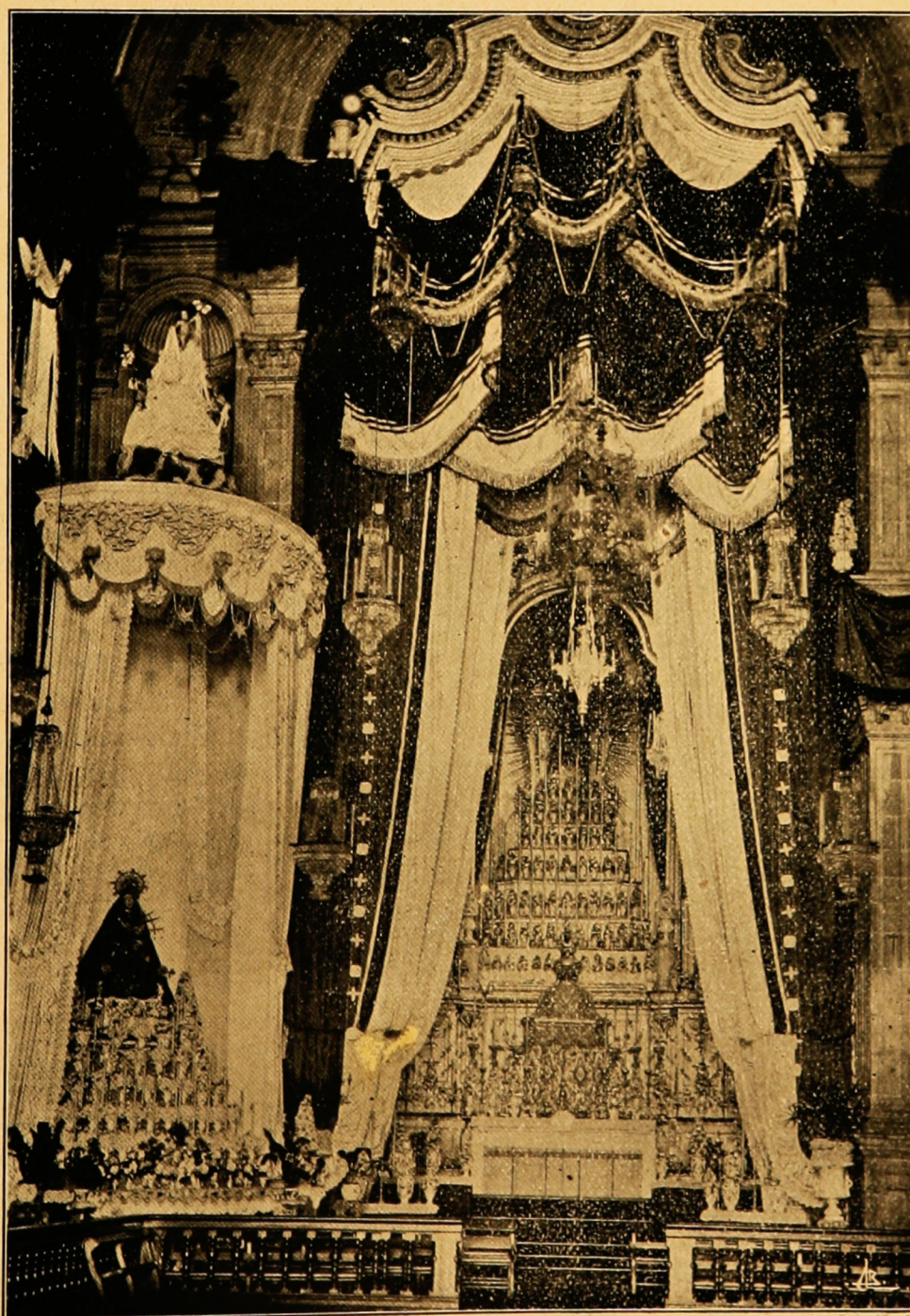
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de abril de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 42—Anno I



BRAGA—Egreja dos Congregados. O altar-mór e o da Virgem das Dôres
por occasião da ultima festividade

Chronica da semana

XLII

OOO

ALLELUIA! Que melhor, mais cheia de vida, mais vibrante saudação poderia imaginar o chronista para endereçar aos seus leitores? Alleluia! Palavra irmã da alegria dos corações, brado que d'elles nasce, sonoro e forte como o sol d'estas manhãs fragantes d'abril! Palavra que traduz o florido dos copados e o embrechado sem igual dos campos, tão meigo aos olhos, que repercute o melodioso trilo das aves, voando á luz azougante, na tonteria da sua estovada inquietação de jubilo!

E quem mais claramente o sente e comprehende do que nós, christãos e catholicos, que vestimos o luto da Egreja nas commemorações dolorosas e plangentes do sacrificio redemptor do Homem Deus, que meditamos na atrocidade que O crucifica no Calvario, a sublimidade do Seu amor divino,—e que na hora salvadora em que as lages do sepulchro se estilhaçam e retroa pelos seculos em fóra o grito triumphal da Resurreição, o ouvimos extaticos, como se uma nova era de paz re florisse, fazendo re florir tambem a natureza?... Parece que a primavera se torna mais jocunda e mais garrida, que o jubilo dos corações tem seu echo no jubilo das coisas, e contemplamos, firmes nas convicções que brotaram dos nossos berços de infancia, a trajetoria fulgurante da Egreja de Christo no plaino intermino da historia!

E' esta a gravissima constatação que fazem intimamente aquelles que abraçam a Cruz com um fervor de filhos, e beijam a nudez de seus braços como um thesoiro magnificante de glorias, de amor e de esperança!

Que importa que o céu da patria se enevõe, se na alma dos seus filhos a religião depoz o irrefragavel germen d'uma luminosa resurreição futura?...

Ha dias, no salão da Associação dos Estudantes do Porto, por occasião da visita do ministro da instrucção, um individuo teve a triste coragem de affirmar que o christianismo perverteu a índole da nossa raça, introduzindo n'ella—pasmae ó gentes!—a flacida morbidez das religiões orientaes! Custa a acreditar em tamanha ousadia, embora sejam conhecidos os pruridos renovadores de certos emphaticos cultores de letras que a si mesmos se apregoam como a floração mais bella da alma da nossa raça, baptisada com titulos estramboticos, e apresentam como seu philosopho poderosissimo, cheio de ideias novas, um cidadão que cerziu a seguinte curiosa definição: — *a transcendencia vertigica é a transcendencia do galope, exaltada até á volatilisição das proprias feraduras.*

Muitos dos leitores não penetrarão a sabedoria de tal phrase, mas isto não obsta a que a patria espere de tal gente a renascença salutar e redemptora... Ahi por 1892, Fialho d'Almeida escreveu nos *Gatos* umas palavras candentes, que accodem a talho de foice:

«... São uns rapazinhos joviaes e bem portados, com a digestão facil, a alegria prompta e o coração sujeito a um tic-tac de que nenhuma commoção violenta altera o rythmo. A sua historia pergressa dá-lhes um socego de vida e uma benignidade de educação e leituras, que de fóra alguma predispõem á nevropathia seus encephalos d'adolescentes. Isto se reconhece na maneira methodica com que elles fazem já, sendo tão novos, suas edições d'obras completas, no ideal de conforto burguez forrado a papel, que todos tem da vida civica, na fóra correcta de vestir e d'apartar o cabello, e até na calculada artificiosidade com que aos vinte annos (a edade das grandes fomes de Verlaine e das vagabundagens de Rimbaut atravez de todos os acasos da bohemia mendicante das velhas cidades da França e d'Allemanha) elles buscam para propalar seus nomes uma extravagancia poetica que os ponha em fóca nas esquinas da apathia litteraria da sua geração.» Referia-se o pamphletario aos nephelibatas innovadores d'esse tempo, que, como os symbolicos symbolistas de hoje, tambem para a turba espalmavam as mãos, n'um pudico gesto de afastamento, e diziam: *não tenteis comprehender-nos!*...

Dizer que o christianismo perverteu a índole da raça, que toda se argamassára no classicismo da velha Grecia, é desconhecer o que é o christianismo e o catholicismo, e muito mais ignorar o classicismo.

Classicos puros, de linhas harmoniosas, foram Vieira e Fr. Luiz de Souza. Acaso algum verá nas suas obras uma preversão do espirito portuguez? E deixaram elles de cultivar os classicos gregos e romanos, e de, por causa de taes fontes, demostrar a belleza do ideal christão? Não; precisamente porque foram classicos, é que elles interpretaram melhor a aspiração e as modalidades da raça, aspiração em que teve e tem larguissima parte a religião de Christo que foi o signal da sua bandeira, nas horas supremas da victoria, e lenimento de suas dôres, nas crises dos mais agros infortunios.

O christianismo é a mais positiva de todas as religiões. Não aconselha a immobilidade, a indolencia; ensina que a vida é um campo de batalha e que o trabalho terá condigno premio das misericordiosas e justas mãos do Senhor.

Comparar o christão ao fakir ou ao bonzo, é afinal... um predicado excelso dos innovadores! E devemos concordar que é um predicado excellente n'esta sazão de tristezas...

F. V.



O luto das cigarras

OOO

ESTÃO de luto as cigarras da Provença!

O doce e bondoso Mistral, o Virgílio da Provença, o poeta da *Mireya* morreu!

Eu estou de luto também e commigo todos os adoradores d'aquelle grande exemplo.

100
101

dos os mistralianos mesmo, proclamam uma Ideia que no coração é chamma e na vida pratica é Energia activa.

Provença reviveu em Mistral, continuará vivendo d'elle, d'essa alma que elle compôz.

Que os homens da minha terra, que os moços poetas deixando os seus encantamentos pantheistas e pagãos vae recolher na obra de Mistral o segredo dos poemas claros, perfeitos e verdadeiros por serem tradicionaes e portanto nacionaes.

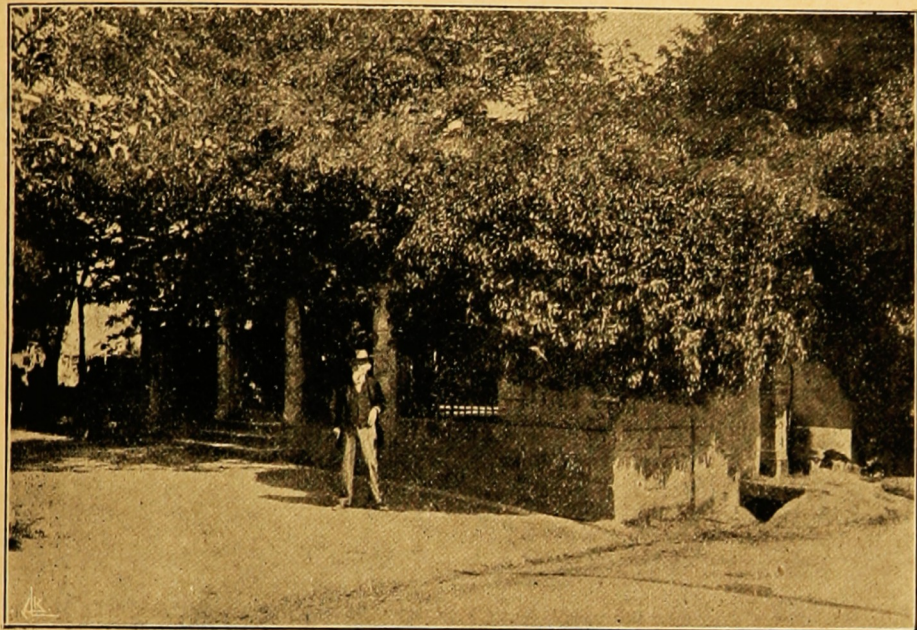
*

* *

Estas linhas escriptas á pressa, em viagem e sob a impressões dolorosa do acontecimento, apesar da sua insignificancia, deixarão adivinhar a tristeza intima de um mistraliano portuguez,

Bruxellas, 27 — 3 — 914.

DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO.



Mistral em frente á sua casa em Maillane

Amei sempre a sua obra porque ella fôra escripta á luz do sol, sob uma apothese de perfumes agrestes, de attitudes virgens, de graça primitiva e sagrada — toda a phisionomia material da Provença.

Porque ella reanimando aos olhos dos provençães a phisionomia expontanca da sua terra, restituiu-lhe todos os encantos phisicos e espirituaes . . .

Revelação prestigiosa d'um deposito maravilhoso, de dois aspectos — trabalhado pela natureza, um ; trabalhado por gerações successivas, outro.

A Provença é uma composição esplendida d'essas duas estheticas, d'essas duas phisionomias encantadoras — a material e a espiritual.

Mistral recolhera a alma dispersa, confusa e inconsciente da Provença, para a avigorar e d'ella compoz uma alma perfeita, uma alma ideal — a sua alma.

Essa alma recolhida amorosamente por elle é transmittida a seus filhos espirituaes — toda a gente da Provença — que amanhã vae exalta-lo no murmurio d'uma prece á beira do tumulto, e n'uma affirmacão de fé na Victoria.

Não é a passagem da Morte ; é a Vida a circular a Vida que por uma irradiacão magnifica se desprende da sua obra.

Chorando esse homem, os provençaes, to-



BELGICA—Séde do Circulo Catholico Portuguez de Lovaina



Na Paschoa

∞
FRAGMENTO

VIERA cêdo, n'aquelle anno de temporaes desabridos, de luto e de desgraça, a Paschoa florida como uma bênção de carinho suave e perfumada caricia á terra convulsa e soffredora.

Um pó de oiro, tenue e leve, coloria as paisagens que ia perdendo gradualmente a cõr cinzenta e parda do inverno triste, emplumado de moles e friorentos nevoeiros, a alastrar em vôos de sombra, a amaciar as arestas das al-

to de uma chimera azul e por ella souberam padecer e morrer.

— A todos chega, breve ou tarde, a hora grande do sacrificio . . .

— Quando no deserto do nosso coração tombam e cahem, melancolicamente, como folhas mortas pelos outomnos tristes, as illusões creadas no esplendor de uma hora breve, mas que deixa em nós, na nossa vida, um rastro de luz tenue, indecisa e pallida como uma via-lactea de sonho! . . .

E ficara-se a olhar, serena, enlevada, absorvida, os lirios que guardara para si, laivados, pintalgados de um roseo agonisante.

— Devia ter sido assim a tunica de Christo que fluctuou drapejante nas escarpas de Tiberiades e lhe enxugou o suor da morte . . .



BELGICA—Reunião da Juventude Catholica Portugueza em Lovaina. (Após o jantar)

(Clichés de Antonio d'Antas de Barros)

tas collinas, de perfis encarvoados e barbaros.

Viera cêdo, mas fragrante de aromas, branca de rosas, fulva de sol, fremente do trinar dos passaros, agora que findara o doloroso poema da Semana Santa e aquella doce figura de mulher me segredava, pelas tardes em flôr, a maguada elegia da sua alma heroica.

Debruçava-se sobre o muro que as glycinas emolduram em cachos, a offercer-me nas suas mãos nervosas, ramos de lirios roxos.

— Vê? Parece que chora e treme, na sua cõr pisada e lutuosa, a alma ardente das raparigas sem macula . . .

— Como a sua . . .

— Como a de todas que amaram o encan-

— Como os lirios da Palestina . . .

— E os sonhos das raparigas tristes, que vão deixando pelas arestas dos caminhos, retalhos do coração, lagrimas da sua magua.

E na cõr roxa que choram, tremem todas as agonias.

N'ella esvoaça, florida e apaixonada, a tinta com que o sol escreveu o poema eterno da beleza ao afagar-se no berço branco das aguas . . .

Na cõr roxa do lirio ha o luto das violetas e o oiro das madrugadas.

A humildade dos musgos e o brilho das estrellas; o azul do lilaz e a brancura innocente das açucenas. . .

Mas como appareceriam os lirios roxos?



Nasceram das lagrimas que Jesus chorou quando orava, recolhidamente, no Jardim das Oliveiras!

Despede-se, doce figura de ballada, enigmática, incompreensível, mas sempre bôa e terna, alma espargelada pela dôr que aos desgraçados punge, princeza de illuminura tecendo pequeninos poemas, com o velludo doce dos seus olhos.

La quasi a ajoelhar e fico-me a olha-la ainda, toda envolta na nevoa doirada que cinge e veste o vulto ideal das santas.

Entardecia. As arvores trajavam brancas tunicas de aromas, e as andorinhas, em trilos brandos, voavam, voavam, até perder-se, longe, pobres mensageiras das primaveras floridas.

JOÃO DE CASTRO.

Erguia-se altaneiro junto ás lapides vindas do Oriente, para testemunharem da gratidão e da admiração dos povos asiaticos para com o famoso capitão.

Estava alli, de guarda, soberbo, a esses padrões de gloria!

De vegetal só tinha os cimos, as agulhas verde-negras, que lhe coroavam de mocidade, sempre renovada, a vetustez da sua existencia secular!

Te-lo-hia semeado D. João de Castro no regresso da jornada de Tunis durante a qual se recusou a ser armado cavalleiro pelo imperador Carlos V, honra que declinou com verdade, conforme diz Jacintho Freire, por o ter sido já por outras mãos, «que o que lhe faltava de reaes tinham de valorosas» e eram as de D. Duarte de Menezes que o fizera cavalleiro em

O gigante de Penha Verde



FUI hontem vê-lo. O gigante jaz por terra, colossal ainda no seu destroço, braços esgarchados, fronda pendente de vetusta muralha. Tão alto era, tão avantajado na sua corporatura quando erecto, que mesmo decepado e roido no chão é enorme. O torrão de terra que soergueu ao tombar é um mundo onde innumera vida está!

Ao fundo da alameda dupla, tapetada de musgo espesso, bordada de sobreiros venerandos, cuja entrada guarda um busto de Bacho em alto pedestal e que da velha habitação conduz aos arcos de pedra solta d'onde se alarga a vista na planicie vasta e no infindo mar, estava ainda ha poucos dias, na Penha Verde, em Cintra, de pé, soberbo como a nossa Historia, altivo como um feito de portuguez de outr'ora, trazendo sua ramaria no azul do céu como a alma de um dos nossos heroes, o velho pinheiro, o velho Portugal.

Tres homens não lhe abraçarão o tronco; suas ramadas nûas, robustas como braços de atletas gigantes, dirse-hiam, tão fortes, tão pujantes, tão contorcidas e tão serenas, os que nossos maiores estenderam por todas as partes do globo, contornando e abraçando ilhas e continentes, vencendo armadas, subjugando exercitos e praças fortes.

Sua côr é a dos cadaveres humanos que se não corrompem.



O torrão de terra que soergueu ao tombar é um mundo...

○ Tanger?

Para essa expedição foram muitos fidalgos portuguezes servir á sua custa. Para ella fugiu o infante D. Luiz, filho de El-rei D. João III, vendo-se este monarcha obrigado a intimar terminantemente a muitos que retrocedessem, como succedeu ao duque de Bragança, D. Theo-





Ao fundo da aiameda dupla... cuja entrada guarda um busto de Bacho...

dosio, que só volveu depois de ter distribuido, por seus companheiros necessitados, todos os haveres que levava comsigo, armas, cavallos, bagagens e quinze mil cruzados.

De volta de tal expedição, ia eu dizendo,

□ D. João de Castro retirou-se para a sua quinta de Fonte d'El-Rei, hoje mais conhecida por Penha Verde, afim de estudar e meditar longe de todos os interesses e vaidades a tal ponto que fez derrubar as arvores fructiferas alli exis-



suas ramadas, núas robustas... tão fortes, tão pujantes, tão contorcidas...

tentes conforme se lê em Jacintho Freire de Andrade.

«Aqui se recreava com huma extranha e nova agricultura, cortando as arvores que produziam fructo e plantando em seu logar arvoredos sylvestres e estereis; quiçã mostrando, que seria tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito fizesse pouco caso do que podiam produzir os pedregallos de Cintra, quem soube pizar com desprezo os rubis e diamantes do Oriente!»

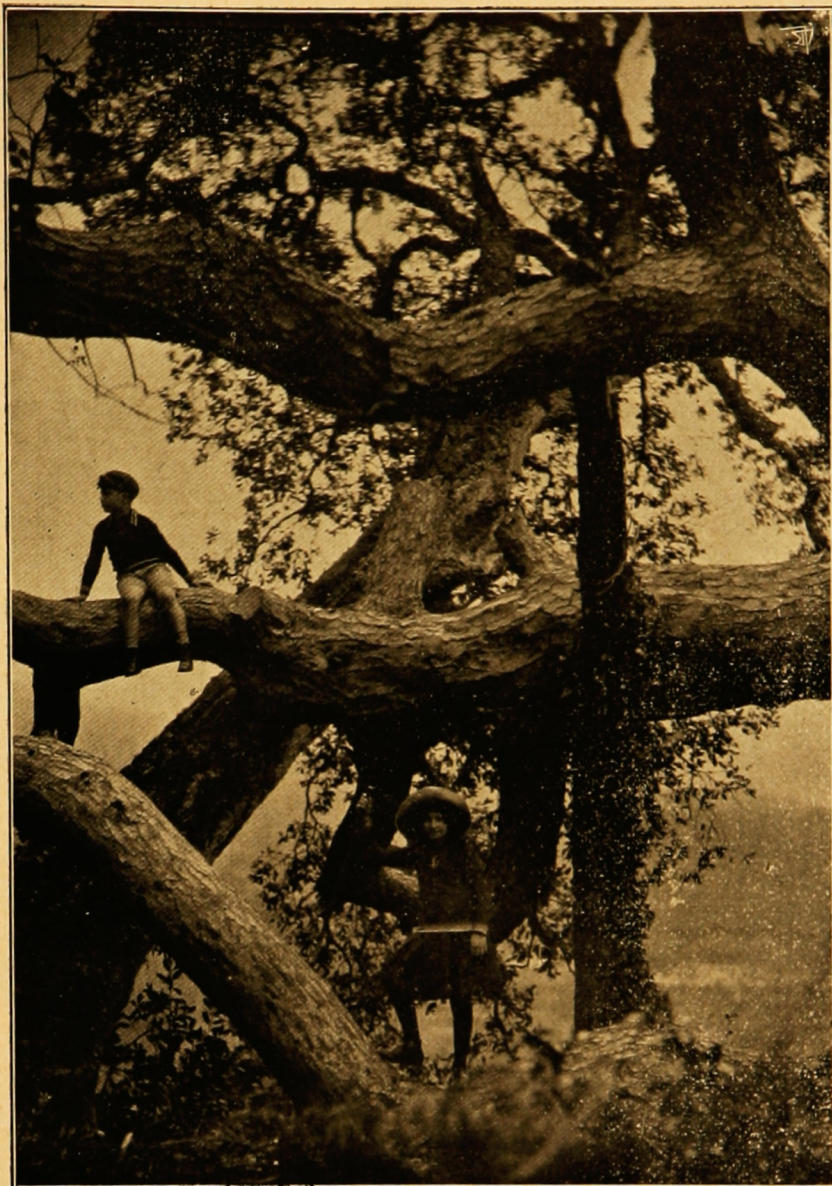
Não seria o gigantesco pinheiro que ali está jacente uma unidade d'esses *arvoredos florestaes* em que nos falla Jacintho Freire, plantados pelo nosso Marco Aurelio?

Que essa arvore nos fazia scismar, que nos obrigava a qualquer coisa mais do que admirá-la, é certo. Uma alma de heroe, seguramente, a habitava. D'ella se exhalava licção, exemplo de alta nobreza, de forte character, de rude briõ. Além, na Penha Verde, nos dominios de D. João de Castro, o magestoso pinheiro fallava d'esse modo.

É tanta gente que precisava ouvi-lo, nunca attentou n'elle!

Te-lo-hia disposto o lusiada ingente na volta da sua primeira viagem á India, na armada de D. Garcia de Noronha, seu cunhado, capitaneando a *Gripho*?

la D. Garcia soccorrer Diu, mas



...braços de athletas gigantes... os que nossos maiores estenderam por todas as partes do globo...



Erguia-se altaneiro junto ás lapides vindas do Oriente...

D. João de Castro acompanhava-o mais como astrõnomo e navegador do que como guerreiro. De essa primeira estada na India nos trouxe os seus famosos *roteiros* onde imperecivelmente marcou na Historia o seu merito altissimo de homem de sciencia e de litterato, como hoje se diz, acrescentando e sublimando, se possivel, a envergadura do seu vulto heroico.

O alto fuste do monumental pi-



nheiro lembrava porventura as columnas das sagradas cavernas da ilha do Alifante que D. João de Castro foi o primeiro europeu a descrever, visitando-as n'esta viagem.

Chegado ao reino logo Penha Verde o attraheu para uma vida de philosopho e de justo. Teria então nascido um pinheirito que magnificente se abateu ha dias na Quinta de Fonte de El-Rei?

Breve, porém, a opinião publica impoz D. João de Castro a El-Rei D. João III para a jornada de Ceuta. Poucos mezes decorridos, depois de procurar e esperar em vão a frota de Barba Roxa, depois de visitar Ceuta e demandar seu filho D. Alvaro (que fundou o convento dos Capuchos) libertar Alcacer Seguer, estava de volta aos mattagaes de Cintra, não sem ter batido os corsarios no cabo de S. Vicente.

Teria sido já então testemunha do seu regresso o pinheiro gigante que acolá está por terra?

Um anno após é nomeado D. João de Castro governador da India. Partiu e não mais se tornou aos mattos de Penha Verde! O asceta das selvas de Cintra feito visorei, nunca as olvidou.

Por entre seus feitos colossaes, no refferer das paixões e das intrigas, ao desabrochar de suas mais lancinantes dôres de pae e de suas maiores alegrias de patriota, entrando triumphante em Gôa como um imperador em Roma, no auge da sua gloria como foi a victoria



BRAGA—O distincto escriptor brasileiro João Phoca nos claustros da Sé Primaz acompanhado do sacristão e de um menino do cõro

de Diu, nunca esqueceu a silenciosa, recondita, a inhospita e rude Quinta de Fonte d'El-Rei.

Narrada a El-Rei a batalha de Diu, D. João de Castro menciona os mortos e os feridos e propõe os nomes dos combatentes mercedores de recompensa, collocando-se a si á cabeça do rol n'estas passagens verdadeiramente bronzeas e monumentaes onde Cintra tem menção e n'ellas fica immortal:

•É tambem (é necessario) fazer-me mercê da minha joia, como sempre foi costume dos reis e principes, quando algum seu capitão vence batalha ou toma cidade, o que eu tudo fiz em um só dia com a ajuda de Nosso Senhor. Mas porque pôde ser que V. A.



ERMEZINDE—Edificio do Collegio





ERMEZINDE—O rev. Arnaldo Rebello, professor no Collegio de Ermezinde e o dr. Gaspar Pinto da Silva, director e tambem professor do mesmo collegio



VIANNA DO CASTELLO—Egreja das Ursulas onde se veneram os Santos Martyres Theophilo, Saturnino e Revocata.

(Cliché do phot. am. sr. A. J. Gonçalves)



ERMEZINDE—Os alumnos do Collegio de Ermezinde jogando o «foot-ball»

(Clichés do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

rei, que está a par da minha quinta; para que, tendo os meus moços que comer no meu, não vão destruir e fazer damno no alheio. O castanhal poderá valer de compra dez ou doze mil réis; mas para mim serão muitos mil cruzados.»

Como recompensa de seus fastos orientaes e da estrondosa victoria de Diu, como paga a final de uma vida gasta gloriosissimamente ao serviço da patria que a tamanhas alturas ergueu, D. João de Castro pede, como escreve Jacintho Freire, «duas geiras de terra que partem com a sua quinta de Cintra e rematam em um pequeno cabeço que ainda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras», onde agora se encontra a capella consagrada a Santa Catharina, mandada levantar pelo bispo D. Francisco de Castro.

Em toda esta vida de heroismo e de desprendimento, de sabedoria e de valentia, de patriotismo ingente e de abandono das cousas vãs do mun-

m'a faça d'alguma cousa impropria á minha condição e maneira de vida, lh'a quero nomear e pedir, e é que me faça mercê de um castanhal que tem na serra de Cintra, onde chamam a fonte d'el-

do, nos fallava a arvore alem estendida, moribunda.

Ao contemplar esse pinheiro, contemporaneo porventura, d'este enorme portuguez esse pinhei-





NO CAMPO — *Uma merenda*

ro de cõpa ultrapassante a craveira dos arvoredos que o cercavam, de tronco possante, de porte austero e altaneiro, evocava-se toda a Tradição de Portugal, a tradição que é a alma das nacionalidades como é a das famílias, sem o culto da qual se desagregam os povos e os lares. Morta a tradição, amesquinhada a história patria, apoucados nossos heroes, desrespeitados e deturpados seus rasgos e suas preclaras figuras, como por ahi estão fazendo certos mulhericos das lettras, que resta de vida espiritual às nações e às gentes? Nem só de pão vive o homem!

Uma nacionalidade é composta de muitos mais mortos



NO CAMPO — *Preparativos para uma volta ao mundo*



NO CAMPO — *Emmedando centeio*

(Clichés do phot. am. snr. Am. José de Vasconcellos).

do que vivo se mal d'estes se não escutarem attentamente a voz d'aquelles ou se ouvindo-a a transtornam e ridiculisam! Ella nos indica a missão historica, a sequencia do pensamento da nacionalidade; ella nos aponta os roteiros do futuro e mantem aggregados os povos em torno de seus estandartes.

Mirando o pinheiro gigante de Penha Verde, ante mim se erguia o vulto do outro gigante, que o meu espirito traz sempre vagueante n'aquellas penedias, Dom João de Castro, e elle me fazia percorrer os estadios de Portugal e avistar os altos homens que os marcaram.

A arvore enorme cahiu. Já se não levantará. E eu ponho me a scismar se aquelle destroço não será a imagem perfeita d'uma nação d'onde se tenha arrancado todos os cultos, todos os respeitos, todas as admirações, todos os enthusiasmos por tudo quanto resa a Historia da grandeza de seus homens e da sublimidade de seus rasgos!

D. LUIZ DE CASTRO.



BRAGA--A procissão dos Passos em S. Jeronymo de Real



A procissão sahindo da igreja parochial

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



HOJE treguas na politica n'este dia de paz, de religiosidade, d'uncção, de ternura... que agradaveis recordações accende no meu espirito este dia assombroso de poesia e enternecedor de simplicidade! Volto da rua, por onde passei toda a tarde, as minhas saudades e a minha nostalgia e que suavissima licção o meu espirito crente aprendeu, n'estas horas singulares. Toda a cidade se espaneja ao sol, luzindo o seu luxo domingueiro, as suas joias e as suas mantilhas, que são a moldura delicada das mais lindas caras, tocadas d'aquella graça especial, que só as hespanholas sabem imprimir-lhe e pondo notas bisarras de côr, na multidão que se acotovella. A's portas das igrejas, nos pateos dos conventos, os mendigos lamuriam a sua desgraça mas estes mesmos, puzeram cá para fóra, o melhor dos seus andrajos. Ao cimo da rua, rebrilhando ao sol, que metalisa o bellico luzente dos capacetes e das espadas e faz salientar o vermelho vivo do pantalon tradicional.



Andor do Senhor dos Passos

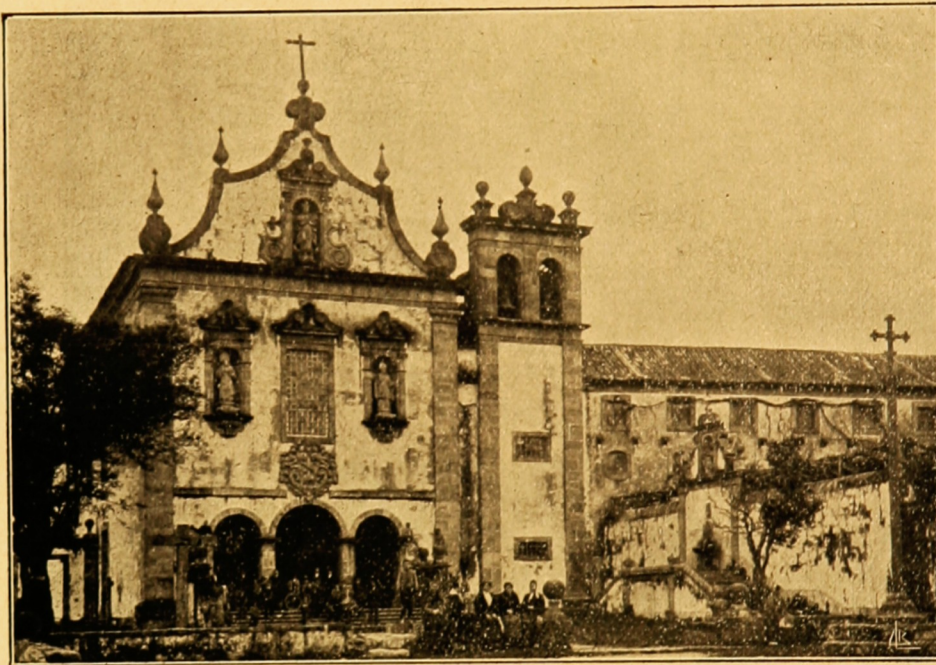


uma onda de militares passa grave e solemne; é o governador que, seguido dos seus ajudantes e dos officiaes da guarnição, vae visitar as sete casas do Senhor.

Que consolação e que amargura que isto faz! Aqui, n'este paiz cheio de liberdades, sob o reinado feliz d'um Rei democrata e transigente, d'um Rei que aperta a mão aos demagogos e cahe às vezes no desagrado dos conservadores mais renitentes, as festas religiosas tem esta solemnidade, esta magestosa exteriorisação a que não falta a publica demonstração de fé e de respeito, por parte do estado e do elemento official. E lembrar a situação vexatoria a que a republica con-



Aspecto geral da procissão



A igreja parochial

demnou a Igreja em Portugal, as humilhações que lhe inflingiu, as perseguições que determinou ao padre, os desafetos, os sacrilegios, as infamias que se tem praticado á sombra de essa lei sectaria e odienta, que como uma affronta, pesa e opprime os catholicos portuguezes.

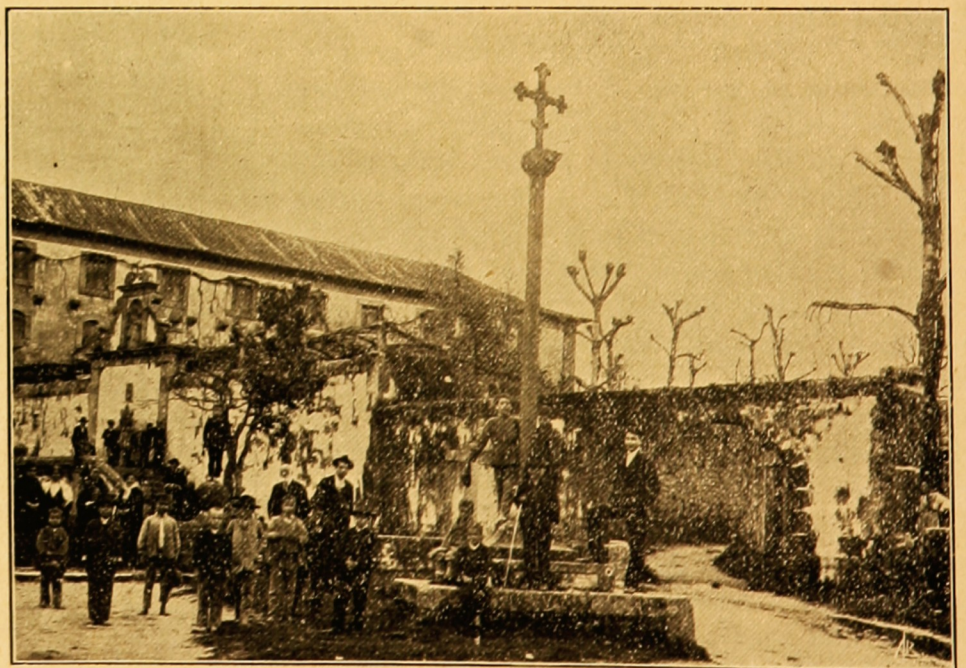
Que enorme differença!

É por isso, que este dia me desconsola quasi e me reaviva, na alma, as mais amargas recordações.

Bons tempos que Lisboa, n'este dia, tambem sahia para a rua reverente e grave no seu luto de respeito, tranquilla, feliz, sem receios, sem precau-

ções, fosse qual fosse o seu credo politico, a cumprir o seu dever christão. Bons tempos!!

Estou a reconstituir agora, dentro da minha saudade uma d'essas tardes de quinta-feira maior, na ladeira aristocratica do Chiado, á hora solemne das visitas. Não se via um trem ou um automovel, os proprios Reis, em honra de Deus, confundiam-se, igualavam-se n'essa tarde religiosa e enternecedora e desciam a pé o Chiado, desde S. Roque até S. Julião, onde terminava a visita ao Sagrado Lausperenne. Estou a vêr a Rainha, na sua tragica viuvez, toda de preto e sob a onda negra dos cabellos, que os desgostos



Cruzeiro junto á igreja parochial

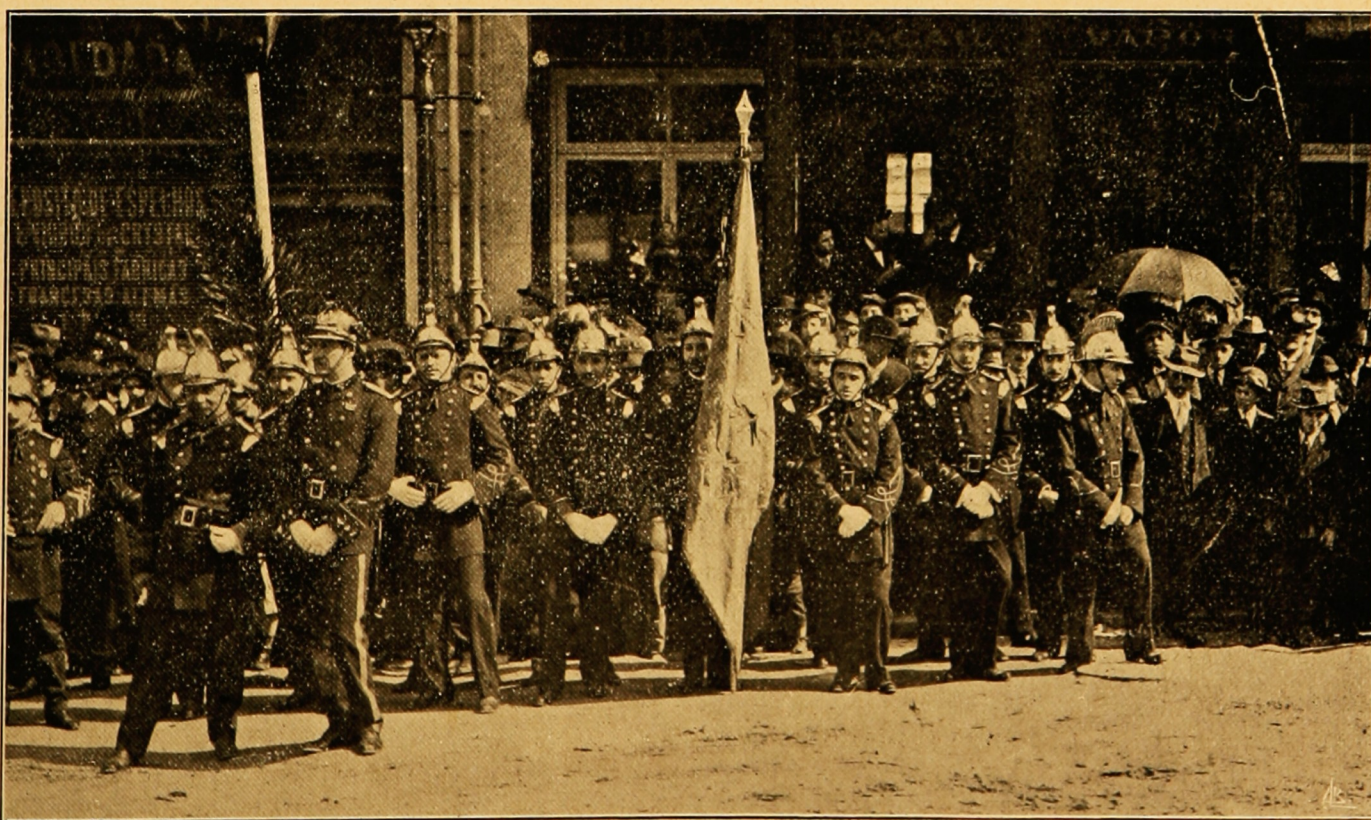


A "Ilustração Catholica,, no Brazil



PARÁ—Grupo nautico annexo á « Associação Dramatica Recreativa Beneficente » e « Tuna Luso Caixeiral »

PORTO--Homenagem a Guilherme Gomes Fernandes



Os bombeiros voluntarios do Porto que tomaram parte na manifestação de pezar

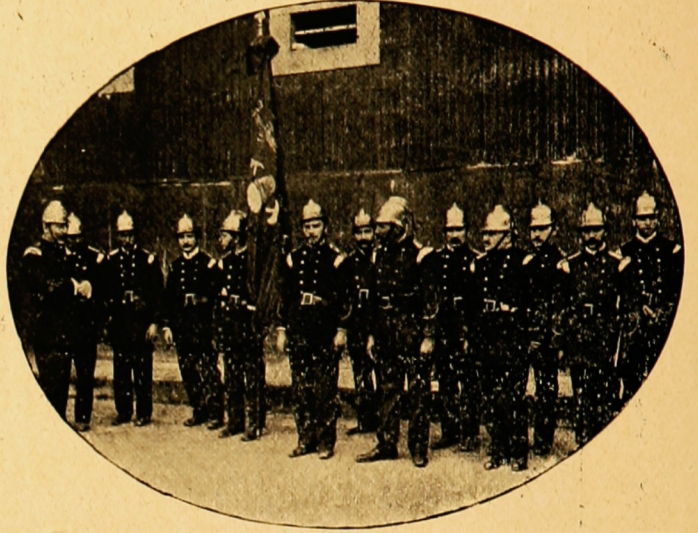


já semeavam de brancas, a mantilha negra e galante posta n'uma instinctiva *coquetterie* d'andaluza, a fazer realçar aquella exuberante belleza, que a dor d'uma tragedia immensa, fizera subtilisar, divinisar quasi, descendo humilde, compassiva, por entre a multidão que a cumprimentava respeitosa, rodeada de mendigos supplicantes, a caminho da sagrada visita.

já não tem remedio nêem concerto, poderia absolver-se de certos erros e liquidar com mais nobreza se já tivesse roto essa lei execravêl que é uma vergonha nacional. Mas a monstruosidade mantêm-se, as perseguições succedem-se, o vexame das cultuaes continuará impando, n'essa abafadiça athmosphera de receio, de intranquillidade, de incerteza, fazendo com que os catho-

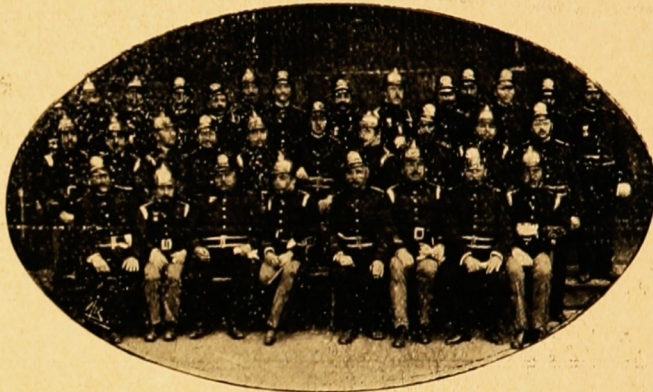


Bombeiros Voluntarios de Braga



Bombeiros Voluntarios de Ovar

Por esse tempo, a minha terra vivia feliz, livre e descansada, podendo alivamente expandir a sua fé e cumprir, sem perigo, os deveres enternecedores da sua crença. Hoje todos irão mas a medo, com receio d'uma cilada, a temerem um tumulto, sem amparo, sem protecção, na immnencia d'um conflicto, com



Bombeiros Voluntarios e Municipaes de Lisboa

licos do meu paiz vão, ainda hoje sem garantias, visitar as sete casas do Senhor.

Aqui—e ahi fica a rasão da minha amargura d'hoje— não são sômente as altas classes que resam e visitam *los monumentos*; é o povo, auctoridades e militares, grandes e pequenos, confundidos, egualados pela mesma fé que a todos abraça,



Bombeiros Voluntarios de Espinho

formigas e não formigas, demagogos e formigões, que ao abrigo da lei e em nome da liberdade com essa feroz intransigencia dos sectarios ha-de querer inflingir aos catholicos, mais um vexame, mais uma humilhação.

A cordealidade que agora mascara hypocritamente todas as monstruosidades, a querer, illuminada messianica, conciliar, pacificar, o que



Corporação da Cruz Vermelha do Porto

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

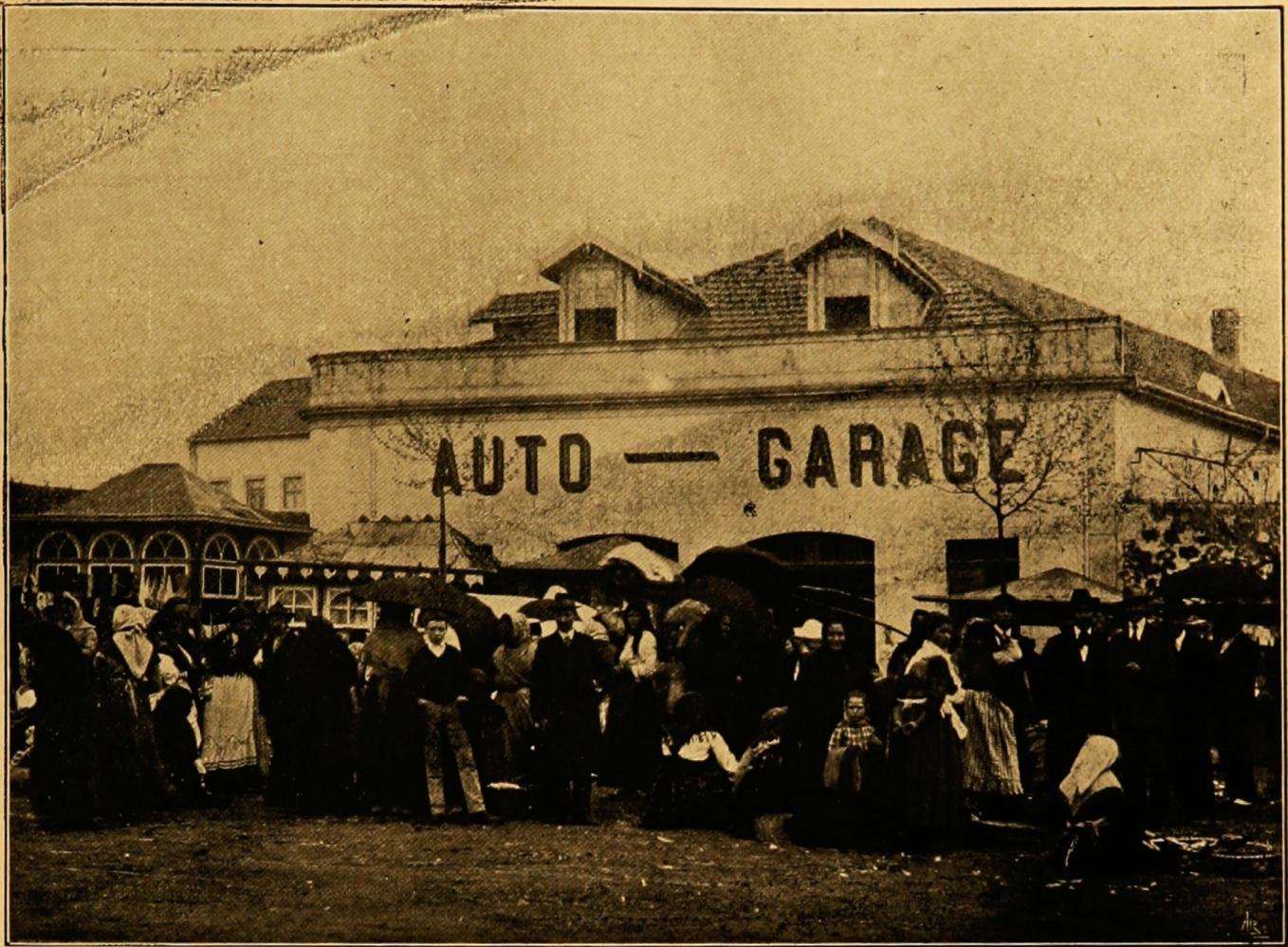
nivela e ampara, que vão orgulhosamente e com a sancção do Estado, cumprir o seu dever...

E' assim que se procede em todos os estados felizes—sejam monarchias ou republicas—que tem o culto da liberdade e comprehendem o sentido real das democracias.

JOSÉ DE FARIA MACHADO,



BRAGA == Mercado provisório



Um aspecto do mercado provisório na Avenida Visconde de Nespereira



Outro aspecto do mesmo mercado



NOZAS DO ESTRANGEIRO



INGLATERRA—M. Asquith, presidente do conselho, acclamado pelos liberaes e nacionalistas irlandezes



HESPAÑHA—A Junta Directora da Sociedade dos Ferro-viarios recentemente fundada em Bilbão

